



FARJALLAT, Célia Siqueira. Os judeus no Brasil: a vinda de Maurício de Nassau estimulou a vinda de judeus para o Brasil. Correio Popular, Campinas, 22 fev., 2000.

Os Judeus no Brasil

CÉLIA SIQUEIRA FARJALLAT

Meu grande amigo Cardeal Dom Agnelo Rossi, falecido há poucos anos, foi uma criatura de impressionante humildade e grandeza. Teve infância pobre, viajou meio mundo, percorreu 98 países, alguns ainda mergulhados na barbárie, e deixou conclusões inteligentes em vários livros. Sem contar, claro, a realização de trabalhos admiráveis.

Ao estudar a influência de várias nacionalidades no Brasil, não se esqueceu do povo judaico, um povo inteligente e empreendedor. Os judeus têm oferecido admiráveis lições de resistência e criatividade, e sem favor nenhum, os maiores cientistas e artistas da atualidade têm sangue judeu. Incompreendidos, têm sofrido atrozes perseguições – como esquecer o Holocausto? – mas erguem-se das cinzas.

Há quem ache que estes horrores devam ser esquecidos. O sábio Einstein, talvez o maior judeu dos últimos tempos, no prefácio do livro de Olga Lengyell, diz: "I escaped from Hitler's ovens" (É preciso lembrar estes fatos para que jamais se repitam). O pior é que estão sendo repetidos. O recente covarde assassinato de um jovem por um grupo de "skin-heads" comprova que os preconceitos ainda persistem.

Os judeus aparecem no alvore-

cer da História Pátria. O intérprete Gaspar da Gama, o cartógrafo e bussolista Jacome de Molharca, o astrônomo Zacuto e o navegador Jachuda Cresques foram mestres de Sagres, em Portugal. Os chamados cristãos novos, encabeçados por Fernando de Loronha (não Noronha) enriqueceram-se no negócio das especiarias e obtiveram monopólio do corte e na exportação do

A vinda de Maurício de Nassau estimulou a vinda de judeus para o Brasil

pau-brasil, no início das capitânias hereditárias. João Ramalho é, talvez, entre nós, o mais antigo exemplo de integração de cristãos-novo.

Numerosas cátedras da Universidade de Coimbra foram ocupadas por judeus, todos tidos como brilhantes mestres. A vinda, em 1617, de Maurício de Nassau, governador do Brasil, no período holandês, estimulou a vinda de judeus para o Brasil e a primeira estruturação judaica por aqui, concentrando em suas mãos duas sinagogas no Recife, uma escola e um cemitério. A

partida dos holandeses, em 1654, desestruturou as relações comerciais e, por isso, muitos judeus deixaram nosso País; mas voltaram, algum tempo depois, estabelecendo-se no Rio e em São Paulo.

Segundo o Cardeal Agnelo Rossi, houve até judeus marroquinos trabalhando na Amazônia, enquanto outros, em São Paulo e no Rio, deram origem a famílias que se tornaram importantes, como os Moretton, Isacson, Prado, Figueiredo, entre outras. Dom Agnelo registra, ainda, que, entre 1920 e 30, entraram no Brasil cerca de 30 mil judeus. Na década de 80, já havia 170 mil judeus e, só em São Paulo, cerca de 70 mil.

Temos, na comunidade campineira, a presença digna de famílias israelitas, que convivem perfeitamente com outras nacionalidades. Aliás, o brasileiro raramente é preconceituoso, o que levou o professor Roger Bastide a dizer: "Sim, o Brasil é, na verdade, a grande mesa da comunhão pascal e os povos que, em outros lugares, combatem-se e lutam, uns contra os outros, alemães, russos, eslavos, japoneses, tornam a encontrar a fraternidade, alimentando-se do mesmo pão do trabalho e bebendo do mesmo vinho do sofrimento".

Célia Siqueira Farjallat é cronista do Correio